

Traduções

O *Epínicio* 3 de Baquírides: comentário exegetico-filológico e tradução

Bacchylides' *Epinician* ode 3: exegetic-philological commentary and translation

Robert de Brose

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará, Brasil, Brasil

robert.de.brose@ufc.br

 <https://orcid.org/0000-0001-8591-4861>

Classica - Revista Brasileira de Estudos
Clássicos vol. 37 1 24 2024

Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos
Brasil

Recepción: 11 Enero 2024

Aprobación: 23 Enero 2024

Resumo: Neste artigo proponho um comentário exegetico e filológico do *Epínicio* 3 de Baquírides acompanhado de uma tradução poética que incorpora os resultados teóricos no texto de chegada em português do Brasil. É meu intuito com esse comentário não apenas chamar a atenção do leitor para a sofisticação e complexidade que subjaz à aparente simplicidade da poesia baquilidiana mas também apresentar novos resultados relativos à exegese do poema. No comentário, portanto, apresento razões para mudar o *textus receptus* de Kenyon (1897) e Maehler (2003) em alguns pontos, a fim de refletir os avanços feitos pela crítica textual nos últimos anos, bem como minha própria interpretação de certas passagens. Nesse comentário, explico também minhas escolhas tradutórias sempre que essas divergem de outras mais tradicionais.

Palavras-chave: filologia clássica, crítica textual, tradução, tradução comentada, epínicio, Baquírides, epínicio3.

Abstract: In this article I propose an exegetical and philological commentary on Bacchylides' *Epinician* 3 accompanied by a poetic translation that incorporates the results into the target text in Brazilian Portuguese. My intention with this commentary is not only to draw the reader's attention to the sophistication and complexity that underlies the apparent simplicity of Bacchylides' poetry, but also to present new critical results regarding the poem's exegesis. In the commentary, therefore, I explain my reasons for changing the *textus receptus* of Kenyon (1897) and Maehler (2003) at certain points, to reflect the advances made by textual criticism in recent years, as well as my own interpretation of certain passages. In this commentary, I also explain my translation choices whenever they diverge from more traditional ones.

Keywords: classical philology, textual criticism, translation, commented translation, epinician, Bacchylides, ode 3.

1. Introdução

Baquílides nasceu em Iúlis, uma cidade na ilha de Ceos, no final do séc. VI. As datas exatas são desconhecidas, mas Eusébio (*apud* Campbell, 1992, p. 102) coloca seu *floruit* em 468, quando compõe a ode objeto deste artigo para o tirano da Sicília, Hierão de Siracusa. Segundo Estrabão (10.5.6), Baquilides era “sobrinho” (*adelphidóus*) de Simônides, mas a *Suda* fala tão somente que ele era seu “parente” (*syngénês*), o que revela uma incerteza acerca de seu parentesco com o poeta mais velho de Ceos. Eustácio, no *Proêmio a Píndaro* (3, Drachmann, 1903, p. 297), diz que Baquilides era mais jovem que Píndaro, cujo nascimento podemos colocar, com alguma segurança em 518. Se em 468 ele tinha por volta de 35-40 anos, uma idade em que tradicionalmente se coloca o *floruit* da vida humana, ele então deveria ser de oito a dez anos mais jovem que Píndaro, o que colocaria seu nascimento, com alguma margem de erro, no ano de 507 (assim, também Jebb, 1905, p. 2).

O *Epinício* 3 comemora a tão almejada vitória de Hierão com a quadriga nos Jogos Olímpicos de 468, celebrada dessa vez, aparentemente, apenas por Baquilides neste *Epinício* 3. Digo “aparentemente” porque, como argumenta Drachmann (1890) e, depois dele, Gantz (1978) e Gentili (1995, p. 43-7), é possível que a *Pítica* 2 também tenha sido comissionada para celebrar essa conquista, seguindo o costume de Hierão, sedimentado em 476 e 470, de empregar os dois maiores poetas epiniciais de sua época para celebrar a mesma vitória atlética. Isso poderia explicar, em parte, o marcado tom agonístico da maioria dos epinícios de Píndaro aos tiranos da Sicília.

O texto que utilizo no presente comentário é aquele de Maehler, (1982; 2003), com modificações, apontadas e justificadas no comentário. Minha tradução segue os preceitos teóricos já expostos na minha tradução das *Odes olímpicas* de Píndaro (Píndaro, 2023).

2. Texto grego e tradução

ιερωνι συρακοσιωι ιπποις [ολυ]μπια	Para Hierão de Siracusa com os cavalos em Olímpia
<p>A' Αριστο[κ]άρπου Σικελίας κρέουσιν Δ[ά]ματρα ιοστέφανόν τε Κούραν ὑμνει, γλυκύδωρε Κλεοί, θοάς τ' Ο- λυμ]πιοδρόμους Ιέρωνος ἵππ[ο]υς.</p> <p>—</p> <p>5 σεύον]το γὰρ σὺν ὑπερόχωι τε Νικάῃ σὺν Αγ]λαίαι τε παρ' εὐρυδίναν Αλφεόν, τόθι] Δεινομένεος ἔθηκαν ὄλβιον τ[έκος στεφάνω]ν κυρῆσαι.</p> <p>—</p> <p>θρόησε δὲ λ[αὸς ἀγασθεῖς· 10 ἃ τρισευδαίμ]ων ἀνήρ, ὅς παρὰ Ζηνὸς λαχὼν πλείσταρχον Ελλάνων γέρας οἶδε πυργωθέντα πλούτον μὴ μελαμ- φαρέϊ κρύπτειν σκότῳ.</p> <p>)—</p> <p>Β' βρύει μιν ιερὰ βουθύτοις ἑορταῖς, 16 βρύουσι φιλοξενίας ἀγυιαί· λάμπει δ' ὑπὸ μαρμαρυγαῖς ὁ χρυσός, ὑψιδαιδάλτων τριπόδων σταθέντων</p> <p>—</p> <p>πάροιθε ναοῦ, τόθι μέγιστον ἄλσος 20 Φοῖβου παρὰ Κασταλίας ῥεέθροις Δελφοὶ διέπουσι. θεὸν θ[εό]ν τις ἀγλαϊζέθῳ γὰρ ἄριστος ὄλβων·</p> <p>—</p> <p>ἐπεὶ ποτε καὶ δαμασίππου Λυδίας ἀρχαγέταν, 25 εὔτε τὰν πεπ[ρωμέναν Ζηνὸς τελέ[σσαντος τί]σιν Σάρδιες Περσᾶ[ν ἀλίσκοντο στρ]ατῶι, Κροῖσον ὁ χρυσά[ορος</p> <p>)—</p> <p>Γ' φύλαξ' Απολλων. [ὁ δ' ἔς] ἄελπτον ἄμαρ 30 μ[ο]λὼν πολυδ[άκρου]ν οὐκ ἔμελλε μῖνεν ἔτι δ]ουλοσύ]ναν· πυρὰν δὲ χαλκ[ο]τειχέος π[ροπάροι]θεν αὐ[τῶ]ς</p> <p>—</p> <p>ναήσατ', ἔνθα σὺ[ν ἀλόχῳ] τε κεδ[ναῖ</p>	<p>I Da suprema altriz Sicília, à Rainha Damáter e à Moça coroada de violetas hineia, dulcidadivosa Clio, e as ágeis éguas de Hierão, olímpicos corcéis. —</p> <p>—</p> <p>5 Dispararam, pois, com a excelsa Vitória e com Aglaia junto ao largiturbilhante Alfeu, onde, de Dinômenes, tornaram ditoso o filho ao garantir uma guirlanda.</p> <p>—</p> <p>E bradou o povo, admirado, 10 Ah trisabençoado o varão que, de Zeus obtendo o galardão do maior governo sobre os helenos, sabe, turriforme uma fortuna, não cobrir negrivelada sob a treva.</p> <p>)—</p> <p>II Sobejam os templos com festas tauricidas; 16 sobejam, de hospitalidade, as avenidas; lampeja, sob faiscante brilho, o ouro das sumidedáleas trípodas, erguidas</p> <p>—</p> <p>defronte ao templo, lá, ao grande bosque 20 do Lúcio, junto ao riacho da Castália, os délfios administram. A um deus, um deus glorifique-se, pois, dos faustos, é o melhor.</p> <p>—</p> <p>Pois um dia, da Lídia domadora de cavalos, ao monarca, 25 quando a predestinada paga de Zeus se consumava e Sárdis era tomada pelo exército dos Persas, a Creso o Auribálteo</p> <p>)—</p> <p>III protegeu, Apolo. Ao inesperado dia 30 tendo vindo, aquele à multilacrimosa escravidão não iria esperar: uma pira, na área defronte ao bronzimurado pátio,</p> <p>—</p>

σὺν εὐπλοκάμοι[ς τ'] ἐπέβαιν' ἄλα[στον
35 θ]υ[γ]ατράσι δυρομέναις· χέρας δ' [ἐς
αἰ]πὺν αἰθέρα σφετέρας αείρας

—
γέ]γωνεν· “ὑπέρ[βι]ε δαῖμον,

πο]ῦ θεῶν ἐστὶν χάρις;

πο]ῦ δὲ Λατοίδας ἄναξ;

40 [ἔρρουσ]ιν Ἀλυά[τ]τα δόμοι

[τίς δὲ νῦν δώρων ἀμοιβὰ] μυρίων

[φαίνεται Πυθωνόθε]ν;

)—

Δ' [πέρθουσι Μῆδοι δοριάλωτο]ν ἄστρ,

[ἐρεύθεται αἵματι χρυσο]δίνας

45 Πακτωλός, ἀεικελίως γυναικές

ἐξ εὐκτίτων μεγάρων ἄγονται·

—

τὰ πρόσθεν [ἐχ]θρὰ φίλα· θανεῖν γλύκιστον·

τόσ' εἶπε, καὶ ἄβ[ρο]βάταν κ[έλε]υσεν

ἄπτειν ξύλινον δόμον· ἐκ[λα]γον δὲ

50 παρθένοι, φίλας τ' ἀνὰ ματρὶ χεῖρας

—

ἔβαλλον ὁ γὰρ προφανῆς θνα-

τοῖσιν ἔχθιστος φόνων·

ἀλλ' ἐπεὶ δεινοῦ πυρὸς

λαμπρὸν διὰί[σσειν μέ]νος,

55 Ζεὺς ἐπιστάσας [μελαγκευ]θὲς νέφος

σβέννυνεν ξανθὰ[ν φλόγα].

)—

Ε' ἄπιστον οὐδέν, ὃ τι θ[εῶν μέ]ριμνα

τεύχει· τότε Δαλογενή[ς Από]λλων

φέρων ἐς Ὑπερβορέο[υς γ]έροντα

60 σὺν τανισφύροις κατ[έν]ασσε κούραις

—

δι' εὐσέβειαν, ὅτι μέ[γιστα] θνατῶν

ἐς ἀγαθέαν <ἀν>έπεμψε [Πυθ]ώ.

ὅσο[ι <γε> μὲν Ἑλλάδ' ἔχουσιν, [ο]ύτι[ς,

ὦ μεγαίνητε Ἱέρων, θελήσει

—

65 φάμ]εν σέο πλεῖονα χρυσὸν

Λοξί]αι πέμψαι βροτῶν.

εὖ λέγειν πάρεστιν, ὅσ-

τις μ]ὴ φθόνωι πιαίνεται,

fez assentar, e aí, com a diletta esposa
e com as belícomas filhas inconsoláveis

35 a prantear, ele subiu. E suas mãos

ao árduo firmamento tendo erguido,

—

ele bradou: “Soberbo Poder,

onde, dos deuses o penhor?

onde está o Senhor filho de Leto?

40 Rui o palácio de Aliates,

e quem, em troca de milhares de oferendas,

de Pito agora há de surgir?

)—

IV Medos saqueiam a lancirapta acrópole,

com sangue enrubesce o aurifluente

45 Pactolo, impudentemente mulheres

são levadas dos salões bem-assentados.

—

O outrora odiado: amado; morrer, dulcíssimo!”

Tanto disse, e ordenou ao malemolente

acender o xilino construto. Gritavam

50 as moças e, caras, à mãe as mãos lançavam,

—

pois, aos mortais, a anunciada é,

das ocisões, a mais odiada.

Mas quando do terrível fogo

brilhante reluzia a força,

55 Zeus, sobrepondo negricerrada nuvem,

extinguiu-lhe a loura chama.

)—

V Incrível, nada, que dos deuses o cuidado

não produza. Então o Delógena Apolo,

aos Hiperbóreos transportando o ancião,

60 lá, co'as pernalteiras jovens o assentou

—

por sua piedade, pois, dos humanos, maiores

ofertas à sacratíssima Pito enviou.

E entre os que a Hélade habitam, nenhum

ó mui venerável Hierão, desejará

—

65 dizer, mais que tu, dentre os mortais,

ouro a Lóxias ter enviado.

θεοφι]λῃ φιλιππον ἄνδρ' ἀρήϊον
70 τεθμ]ίου σκάπτρον Διός
)–

Ε' ἰοπλό]κων τε μέρο[ς ἔχοντ]α Μουσᾶν.
ὥς δ' ἐν] Μαλέᾳ ποτ[έ, χεῖμα δαί]μων
ἐπ' ἐθ]νος ἐφάμερον α]ῖψ' ἴησι.
καιρί]α σκοπεῖς· βραχ[ύς ἐστιν αἰών.
–

75 πτερ]όεσσα δ' ἐλπίς ὑπ[ολύει ν]όημα
ἐφαμ]ερίων· ὁ δ' ἀναξ[ιφόρμιγξ
ὁ βουκό]λος εἶπε Φέρη[τος υἱ].
θνατὸν εὖντα χρῆ διδύμους ἀέξειν
–

γνώμας, ὅτι τ' αὐρίον ὄψαι
80 μῦνον ἀλίου φάος,
χῶτι πεντήκοντ' ἔτεα
ζῶαν βαθύπλουτον τελείς,
ὅσια δρῶν εὐφραине θυμόν· τοῦτο γὰρ
κερδέων ὑπέρτατον.
)–

Ζ' φρονέου]τι συνετὰ γαρύω· βαθὺς μὲν
86 αἰθὴρ αἰμίαντος· ὕδωρ δὲ πόντου
οὐ σάπεται· εὐφροσύνα δ' ὁ χρυσός·
ἄνδρ' δ' οὐ θέμις, πολὺν π[αρ]έντα
–

γῆρας, θάλ[εια]ν αὖτις ἀγκομίσσαι
90 ἦβαν· ἀρετᾶ[ς γε μ]ὲν οὐ μινύθει
βροτῶν ἅμα σ[ώμ]ατι φέγγος, ἀλλὰ
Μοῦσά νιν τρ[έφει]. Ἰέρων, σὺ δ' ὄλβου
–

κάλλιστ' ἐπεδ[εῖξ]αο θνατοῖς
ἄνθεα· πράξα[ντι] δ' εὖ
95 οὐ φέρει κόσμ[ον σι]ω-
πά· σὺν δ' ἀλαθ[εῖαι] καλῶν
καὶ μελιγλώσσου τις ὑμνήσει χάριν
Κηῖας ἀηδόνας.

Elogiar é fácil – ao menos
a alguém não cevado de inveja –,
a um pio, equícola e belicoso varão,
70 que o cetro de Zeus temístio
)–

VI tem e, das trancivioláceas Musas, uma parte.
Assim, em Málea, às vezes, uma borrasca
um deus à grei efêmera de novo manda.
Tu do oportuno cuidas: breve é a vida.
–

75 Alada a esperança livra o pensamento
das coisas hodiernas: o Citaragógico
pastor outrora disse ao filho de Féres:
Sendo mortal, deves duplo entreter
–

um pensamento: que amanhã verás
80 do sol sua última luz,
e que com cinquenta anos
e alta riqueza, finar-te-ás.

Ao sagrado obrando, teu ânimo alegre, este,
pois, dos lucros, é o mais alto.
)–

VII Aos pensantes, o óbvio anuncio: alto
86 é o éter inconspicível; a água do ponto
não choca, e o ouro é uma alegria eterna.
Mas ao homem não é lícito, chegada a gris
–

velhice, de novo recuperar a flor
90 da juventude. Mas, *da virtude*, não míngua,
dos mortais c' o corpo, o brilho; antes,
a Musa a nutre. Ó Hierão, de um fausto
–

exibiste aos mortais as mais belas
flores. Ao que faz o bem,
95 não traz o silêncio adorno.

E com a lembrança de belos feitos hinear-se-á também a graça da
melíflua voz do rouxinol de Ceos.

3. Comentário

v. 1: **Ἀριστο[κ]άρπου Σικελίας** – A Sicília sempre foi famosa pela sua fertilidade devido às terras do sul serem predominantemente baixas e fertilizadas pelas cinzas vulcânicas do Etna. Sobre isso, ver Estrabão (6.2.7) e Diodoro Sículo (5.2.3 s.), que relatam que a ilha era sagrada a Deméter e Perséfone. Nesse sentido, o epíteto *aristokárpos*, um unicismo, é bastante adequado para abrir uma ode ao monarca da Sicília, Hierão, e deve imediatamente nos lembrar o *áriston mèn hýdōr* da Olímpica 1 de Píndaro, com que a meu ver estabelece uma intertextualidade. Cf. também fr. 106.7-8 S.-M., ἀπὸ τᾶς ἀγλαοκάρπου Σικελίας. O elemento *aristo-* é o primeiro dos muitos superlativos empregados nessa ode e não denota, precipuamente, a quantidade ou qualidade em relação ao segundo membro, isto é, não se trata de uma terra “rica ou riquíssima em frutos” (Campbell, 1992, p. 127), *kornreich* (Maehler, 1982), que Píndaro expressa com mais precisão em πολυμήλος καὶ πολυκαρπότητος na P. 9.11-12 (7 S.-M.), sobre Cirene, tampouco, de uma terra “de excelentes frutos” (Jesus, 2014, p. 56; Romero, 1988, p. 85). Rezende e Silva (2018, p. 158) chega mais perto com “das melhores safras”. Segundo o LSJ (s.v.), no entanto, o prefixo *aristo-* denota excelência dentro de uma classe (LSJ, s.v.) e, dessa forma, uma tradução mais literal seria “Sicília, que, de todas as terras, é a que mais se destaca por sua fertilidade” (Cairns, 2010, p. 39; 64); trata-se, na verdade, de uma “terra em que se plantando, tudo dá”, “*ubertosa Sicilia*” na tradução de Niccola Festa (1898, p. 11, n. 1), muito embora aí falte o elemento superlativo. Píndaro, ademais, esclarece o *aristokárpos* de Baquilídes ao dizer, da Sicília, na N. 1.19-20 (14-15 S.-M.), ἀριστεύοισαν εὐκάρπου χθονός/ Σικελίαν πίειραν. O segundo elemento, -κάρπος, denota *qualquer* produto agrícola, daí seu uso metafórico no *Prosódio* fr. 1a.7 S.-M. de Baquilídes, ἄκαρπον ἔχει πόνον, “faz um esforço *improdutivo*”. Para descrever a fertilidade da Líbia, Píndaro diz, na P. 4. 11 (6 S.-M.), καρποφόρου Λιβύας, “da frutífera Líbia”, mas o carvalho desfigurado da P. 4. 471 (265 S.-M.) é descrito como φθινόκαρπος, “fruticarente”.

vv. 1-2: **κρέουσιν/ Δ[ά]ματρα** – *Kréousa*, interpretado pelos antigos como um *part. pres. fem.* de **kréō* (Artem. 2.12, *apud* LSJ, s.v.), donde o usitado *κρείων* em Homero aplicado a Zeus e Agamêmnon. Possivelmente, o substantivo não é um deverbativo, mas vem de uma raiz desconhecida do PIE para o substantivo “rei”, “governante”, cujos cognatos são, Av. *srīra* e Sâncr. *śrī*. Chantraine (DELG, s.v.) aponta o paralelismo entre o grego εὐρὺ κρείων e o composto *kharmadarya* em sânscrito *pr̥thu-śrī*, de mesmo sentido, a saber, “largi-potente”. Dado que o nome *Kréousa*, como, por exemplo, na peça *Íon* de Eurípides, provavelmente significa simplesmente “rainha” e que, em Hesíodo, fr. 6.31a M.-W., Antíope é chamada de Αντιόπη κρείουσα, que, naquele contexto certamente significa “rainha Antíope”, traduzi o *kréousa* de Baquilídes por “rainha”. Preservei o quanto pude a coloratura dórica dos nomes próprios e de deuses por razões já explicitadas em Brose (Píndaro, 2023, p. 141).

v. 2: *ῥιοστέφανόν τε Κούραν* – O digama, não marcado na edição de Maehler (1982), deve ser suposto para evitar o hiato após *Δάματρα* e uma longa na quarta sede do jambo. O *Hin. hom. Dem.*, vv. 5-18, conta como Perséfone foi raptada por Hades ao colher flores, entre as quais a violeta (*ἴα*). Assim, o epíteto *ῥιοστέφανος* evoca um subtexto erótico e sinistro. Erótico porque o epíteto é usado para Afrodite (*ἰοστέφανου Κυθερείης*, *H. hom. Afrod.*, v. 18; *Κυπρογενούς δῶρον ἰοστέφανου*, Teógnis, 2.1304) e outras deusas marcadas pela beleza, como Tétis (Baquilides, 13.89-90) e as Musas (Teógnis, 1. 250; Baquilides, Ep. 5.3). *ῥιοστέφανος* pode ainda aludir aos matizes escuros das montanhas e do mar perto dos quais Perséfone vagava (Poltera, 1997, p. 348). Pela mesma razão, ele evoca a escuridão do submundo.

v. 3: *γλυκύδωρε Κλειοῖ* – Clio, “Glória”, é nomeada por Hesíodo em seu catálogo na *Teogonia*, v. 77-9, ainda que lá a prominência seja dada a Calíope. O nome Clio está associado ao verbo *kleiō*, “cantar/ contar o *kléos*” e ocorre quatro vezes (vv. 32; 44; 67; 105) neste poema junto com seus parônimos (*kleía*, 100; *kléos*, 530; *kleitoí*, 815; *agakleitoisin* 1016). *Kléos*, que significa “o que se ouve” (< *klýō*) sobre alguém”, é equivalente ao nosso “fama”, constituindo-se numa palavra-chave para a poesia epinícia. É nesse sentido que o nome de Clio adquire prominência na poesia de Baquilides (*Epínicios* 12.2; 13.195). Ela é “dulcidadivosa” (*glykýdoros*) tanto porque inspira no poeta doces canções (Φερενίκου χάρις/ νόον ὑπὸ γλυκυτάταις ἔθηκε φροντίσιν, Pind. *O.* 1. 29-31), as quais são o “adorno das dulcidadivas Musas coroadas de violetas” (*Epin.* 3.4-5) quanto porque permite que o poeta agrade tanto o *laudandus*, por sua vitória (Νίκα γλυκύδωρε, *Epin.* 11.1), quanto a sua audiência, através da música e da poesia (Pind. *I.* 8.18, γλυκύ τι δαμωσόμεθα). Prefiro não traduzir o nome “Clio” para não borrar a referência clara a uma das Musas, cujos nomes são conhecidos no vernáculo; também porque explico, neste comentário, sua relevância temática no poema.

vv. 3-8: *θαός τ’ Ο-λυμ]πιοδρόμους (...)* *στεφάνω]ν κυρῆσαι* – introduzem o louvor do *laudandus*, explicitando quem ele é, em que prova venceu e em quais jogos. O epíteto *olimpiodrómos* é outro unicismo que serve para identificar os jogos, aqueles de Olímpia. Maehler (1982, p. 41) e outros comentadores, por ele citados, demonstram perplexidade pelo fato de serem usadas sempre éguas nas corridas. Há duas explicações plausíveis para isso. A primeira é que as éguas eram preferidas devido ao seu comportamento mais dócil, menos propenso a disputas territoriais; a segunda, é que, como aponta Wackernagel (Langslow, 2009, p. 430 s.), baseando-se em Brugmann (1909), ἡ ἵππος, além de “égua”, significa também “cavalaria” (LSJ, s.v., II), um sentido que teria se mantido nas corridas de cavalos para denotar quadrigas. Δεινομένεος (...) τέκος: Hierão, qualificado como “filho de Dinômenes” na antístrofe, sem nenhum outro epíteto como “rei”, “chefe” etc. Depois, o local da prova é revelado por uma

perífrase: “ao longo do vastiturbilhonante Alfeu”, porque Olímpia ficava às margens do rio Alfeu, e o hipódromo corria paralelo à sua curva meridional. *Eurydínēs* ocorre só aqui e no *Epinício* 5.33 e, em ambas passagens, descreve esse rio caudaloso e turbulento, um dos maiores da Grécia. Baquilides apreciava compostos com *eury-*, pois três deles, como nos informa Maehler (1982, p. 42), são encontrados apenas em sua poesia: *eurydínas*, *euriánax*, *eurinephēs*. A vitória é anunciada como obtida com a ajuda (esse é o sentido principal de *σύν* + *dativus agentis*) da “Suprema Vitória” e de “Aglaiá”, uma das três Graças, numa oração infinitiva com duplo acusativo e sentido causativo: *ἔθηκαν/ ὄλβιον τ[έκος στεφάνω]ν κυρῆσαι*, “fizeram-no ditoso por ter ganhado guirlandas [com a sua ajuda]”, uma construção que encontra paralelo em Píndaro (*P.* 9.13-15). A atribuição da vitória à agência divina é um *tópos* da poesia epinicial. *Hypéroxos*, nesse sentido, é tanto “suprema” quanto a que “suporta com inabalável força”, como comenta Maehler (1982, p. 41; 2004, p. 87). *Aglaiá* alude ao esplendor da vitória e do vitorioso; ela é a personificação do *glamour* que envolve os vencedores olímpicos e que se expressa na forma de *kýdos*, o magnetismo que emana dos famosos. Também se refere às opulentas celebrações que se seguiam a uma vitória olímpica. *Ólbos*, que aparece aqui pela primeira vez no poema, será uma palavra importante deste epinício. Sua tradução em diferentes passagens atenta ao fato de que a palavra pode ter tanto um sentido subjetivo quanto objetivo que estão relacionados. No primeiro caso, significa, como anota Rumpel (*s.v.*, *cum exemplis*) *felicitas* e, no segundo, *opulentia*, *opes*. Dessa forma, *ólbos* é um tipo de felicidade proveniente (e sinônimo) de uma prosperidade material, de uma honra, de um sucesso etc. Cf. com *triseudáimōn*, mais abaixo.

v. 9: *θρόησε δὲ λ[αὸς-ἀπείρων* – É melhor tomar *thrōēse* como intransitivo e pontuar após *apeíron*. Baquilides mistura aqui o estilo direto ao indireto livre, juntando o expletivo à aquilo que os expectadores devem ter pensado. Cf. com *Epin.* 9.35 *βοῶν ὥτρυνε λαῶν*. Não é provável que o poeta descrevesse a audiência como emitindo os vv. 10-14 ou, pior ainda, 10-22. O paralelo dado por Maehler (1982, p. 43; 2004, p. 88) com o fr. 211 M.-W. não me parece relevante porque lá *ἅπαντες* está no sentido distributivo, isto é, “cada um” (*viz.*, *κοινός λόγος ἐκάστω ἡν*) e não coletivo, como aqui, em que a multidão grita em uníssono (*ὁμοῦ θρόησε...*). *Apeíron* é o suplemento proposto por Blass, que se baseia na *Il.* 24.776 *ἐπὶ δ' ἔστενε δῆμος ἅπείρων*. Jebb (1905, p. 254) sugere *ἀγασθεῖς*, que me parece superior e que mantive no texto usado para a tradução aqui apresentada.

v. 10: *ἄ τρισευδαίμ[ων* – o expletivo *ἄ*, como anota o LSJ, *s.v.*, e Jebb (1905, p. 254), é mais comum em expressões de tristeza, reprovação ou admonição do que de alegria, muito embora me pareça natural num caso de espanto ou surpresa, como aquele de presenciar a vitória de uma carruagem em Olímpia e por isso também *agastheís*,

como dito acima, me pareça o melhor suplemento. *Triseudaimōn*, pela primeira vez aqui. Os gregos usavam *trís-* como um intensificador significando “muito”, mas nesse caso é possível identificar, de fato, três razões para a *eudaimonía* de Hierão: 1) ser o governante de todos os gregos do oeste; b) ser rico sem ser mesquinho e c) ser um campeão olímpico. Traduzo *eudaimōn* por “abençoado” (Rumpel, *s.v.*, *beatus*) porque o adjetivo denota tanto a pessoa que nasceu sob um bom (eû) gênio (*daimōn*), quanto uma pessoa “bem (eû) nascida”, isto é, “nobre”, “rica” (*vide* LSJ, *s.v.*). Assim, é comum sua associação com verbos como “nascer”, “gerar” (οὐ γὰρ τις ἐπιχθονίων/ πάντα γ’ εὐδαιμῶν ἔφν, *Epin.* 5.54-5; ἔνθα τεκοῖ-/σ’ εὐδαιμόν’ ἐπόψατο γένναν, *Pind. Hino* fr. 33d.10), “destino” (πότμω σὺννεύδαιμονι, *Pind. O.* 2.34), “parte” dispensada por um deus, “moira” (τὴν δὲ μοῖρ’ εὐδαιμονίας ἔπεται, *Pind. P.* 3.150). No treno fr. 134, Píndaro coloca os dois termos em comparação ao dizer que εὐδαιμόνων δραπέτας οὐκ ἔστιν ὄλβος, e o mesmo faz Teógnis, 1.1013 ao dizer, μάκαρ εὐδαιμῶν τε καὶ ὄλβιος, ὅστις ἄπειρος/ ἄθλων εἰς Αἴδου δῶμα μέλαν κατέβη. Essas e outras passagens deixam claro que *eudaimōn* e *ólbios* não eram sinônimos em grego.

v. 11-12: ὃς παρὰ Ζηνὸς λαχὼν (...) γέρας – Em Homero (*Il.* 2.196-7) e Hesíodo (*Theog.* 80), os reis encarnam a autoridade de Zeus, e o uso de *lankhánō*, aqui, aponta para um direito hereditário e chancelado pelo divino (*pará* + *gen.*) ao trono. Jebb (1905, p. 254) analisa o adjetivo como um composto do tipo *tatpuruṣa* equivalente a πλείστη ἀρχή, “governo supremo”, mas paradoxalmente assume, daí, que o sentido deva ser o de πλείστων ἀρχεῖν, “governar sobre a maioria”, sendo o complemento do objeto o *gen. pl.* Ελλάνων, “dos gregos”. Contudo, dizer que Hierão governava sobre a maioria dos gregos seria um exagero até mesmo para a linguagem do epinício, acostumado a essas hipérboles. Talvez seja melhor entender que Hierão obteve o privilégio de um governo supremo sobre os gregos *da Sicília*, o que legitimaria sua monarquia. Kenyon (1897, p. 17) já notara a semelhança com a fala dos embaixadores gregos em Heródoto, 7.157.10-13.

vv. 13-14: οἶδε πυργωθέντα (...) σκότῳ – a ideia de uma riqueza turiforme já aparecera, de certa forma, no priamel da *O.* 1.4 de Píndaro. Μελαμ-/φαρέϊ σκότῳ é remanescente, como já notara Jebb (1905, p. 255), da linguagem euripídica, aduzindo o μελάμπεπλος Νύξ do *Ion*, v. 1150; o composto aparece também em *Alceste*, v. 843, como epíteto da Morte. Μελαμφαής é usado na *Helena*, v. 518, como atributo do Êrebo. Μελαμφάρος aparece também qualificando Plutão, no fr. 660.6-7 e numa lista de substantivos do período helenístico (*Suppl. Hell.* fr. 991, p. 509). Na poesia epinicial, as trevas representam o esquecimento – conceitualizado na Grécia arcaica como um “acobertamento” (*léthes*) –, daí o uso, quase etimológico de *a-letheía* no exórdio dessa canção. Nesse sentido, são paradigmáticas as gnomas de Píndaro na *Nemeia* 1.44-45 e, num sentido ainda mais

universal, na *N.* 7. 18-19: *ταὶ μεγάλαι γὰρ ἀλκαὶ / σκότον πολὺν ὕμνων ἔχοντι δεόμεναι.*

vv. 15-19: βρύει μὲν... πάροιθε ναοῦ – Baquilides dá exemplos da generosidade, hospitalidade e piedade de Hierão. O primeiro *μὲν* rege *βρύει* e *βρύουσι*, e o paralelo é traçado com *λάμπει* *δ(ε)*, que faz a transição da cena para o templo de Delfos (Maehler, 1982, p. 45; 2004, p. 89). Por isso, não há necessidade, como propõe Jebb (1905, p. 255), de um *δέ* logo após *βρύουσι*. Segundo Kenyon (1897, p. 18, n. 16), há uma sutil diferença no uso de diferentes casos com *βρύω*: com o dativo, ele significa “sobejar”, ao passo que com o genitivo, ele significa, “estar cheio de” (também Maehler, 1982, p. 45; 2004, p. 89). Na tradução preferi manter o verbo e variar as regências, como no grego. *Marmarygē* é usado para descrever o *faiscar* da luz que incide sobre objetos reflexivos ou que se movimentam rapidamente (*cf.* port. “mármore”). Nesse caso, como as trípodes estavam ao lado do templo, à esquerda de quem ascende vindo do leste, o sol, incidindo sobre elas, deveria ofuscar e, depois, revelar (daí *lámpēi hypó*) suas formas e inscrições (Kenyon, 1897, p. 18, n. 17; Maehler, 1982, p. 45; 2004, p. 89-90).

v. 18: ὑψιδαιδάλτων – *Hypsidaídalτος* não significa, como queria Jebb (1905, p. 255), “*curiously wrought to a certain height from the ground*”, nem é correto que “*ὑψι- means ‘on high’*”, como comprovam compostos em que *ὑψι-* denota “sublimidade”, “altivez”, *viz.*, *ὑψηλόφρων* (“de elevada mente”), *ὑψηλῶρ* (“que exalta os homens”), *ὑψηλοφάνης* (de sublime aparência), *ὑψιάγυια* (“de altivas ruas”, Baq. 12.71) etc. Traduzo, portanto, como “sumamente ornado”, isto é, “ornado com a mais alta arte”, pelo que cunhei o neologismo “sumidedáleo”.

v. 18: τριπόδων σταθέντων – Refere-se às duas bases de calcário descobertas em 1897 em Delfos pela equipe da Escola Francesa de Atenas liderada por H. Homolle (1897, p. 212 s.). A inscrição de *A* comemora a vitória de Gelão na Batalha de Himera (479), ela diz *Γέλων ὁ Δεινομέν[εος] / ἀνέθεκε τὸ πόλλωνι / Συραφόςιος // Τ[ὸν] τριπόδα καὶ τὴν νίκην ἐργάσατο / Βίον Διοδόρο υἱὸς Μιλέσιος*. Na base *B*, uma adição posterior segundo Homolle, podia-se ler somente *]νεος ἀνέθεκε .ελ/* *heptà mnai* e a reconstrução de Homolle (1897, p. 214), [*Ηἰάρων* *ho* *Δεινομέ]νεος ἀνέθεκε* *[h]ε[λ- / ... τάλαντα...*] *heptà mnai* (“Hierão, o filho de Dinômenes dedicou, pelos helenos(?)[...] talentos [...] sete minas”). Sabemos, por meio de Diodoro Sículo (11.26.7), de Ateneu (*Deipnosophistai*, 6. 231 s.), que se apoia na autoridade de Fânias de Éressos (discípulo de Aristóteles) e das *Filípicas* de Teopompo (séc. iv), que Gelão, e talvez também Hierão, teriam dedicado trípodes em Delfos. A reconstrução de Homolle e sua atribuição a Hierão não pode, no entanto, ser tida como certa, e é desacreditada por Page (1981, p. 247). A *Antologia Palatina* (6.214; xxxiv fge) nos legou um outro epigrama que poderia pertencer a um ou aos dois outros pedestais (*C* e *D*). Ele diz: *Φημὶ Γέλων’, Ιέρωνα,*

Πολύζηλον, Θρασύβουλον,/ παῖδας Δεινομένους, τοὺς τρίποδας θέμεναι/
ἐξ ἑκατὸν λιτρῶν καὶ πεντήκοντα ταλάντων/ δαρεικοῦ χρυσοῦ, τᾶς
δεκάτας δεκάταν. No entanto, o escólio 152b à P. 1 de Píndaro dá-nos
o segundo dístico como βάρβαρα νικήσαντας ἔθνη, πολλὴν δὲ
παρασχεῖν/ σύμμαχον Ἑλλησιν χεῖρ' ἐς ἑλευθερίην.

vv. 19-21: τόθι μέγιστον ἄλσος (...) Δελφοὶ διέπουσι – Baquilides
prepara, com esses versos e a gnoma que os arremata, a transição da
ode para o mito. Delfos era administrada (*diépousi*) pela Liga dos
Anfictiões (“os que habitam em volta”), que se reuniam duas vezes
por ano, na primavera e no outono, em Antela, no templo de
Deméter, perto de Termópilas, e que foi seu primeiro centro. Depois
da Primeira Guerra Sagrada (594/ 593), a liga anfictiónica torna-se
Délfica, e tem no Templo de Apolo o seu centro.

vv. 21-22: θεὸν θ[εό]ν τις (...) ἄριστος ὄλβων – Hesíquio (θ, 300)
explica que “era o costume para os que oravam, quando se iniciava
algo, dizer *theós*”. Maehler (1982, p. 46; 2004, p. 90) nota que a
repetição é comum em preces e invocações cultuais, como no
fragmento de Diágoras (PMG 738.1), θεός θεός πρὸ παντὸς ἔργου
βροτείου/ νωμᾷ φρέν' ὑπερτάταν. Ele cita ainda Eurip. *Hércules*, 772;
Andrômaca, 1031; e Ésq. *Sete contra Tebas*, 566, muito embora aqui
não se trate de uma invocação e o contexto seja diverso da passagem
baquilidiana. ἀγλαϊζέθω: trata-se de uma sinecfonese para ἀγλαϊζέτ' ὁ,
como em Safo 1.11 Voigt, ὠράνω ἰθερος. Cf. ἀγλαϊζέθω σὺν Αἴγλαιαι do
v. 6 e com o ἀγλαϊζεται δὲ καὶ μουσικᾶς ἐν ᾠτῷ, da O. 1.22-3 de
Píndaro. ἄριστος ὄλβων: recorre o elemento *aristo-* com que a ode se
inicia, e o substantivo *ólbos* aparece em posição espelhada em relação
àquela do mesmo verso da estrofe correspondente. De fato, aqui se
fecha a composição em anel, em que a “dita” (*ólbos* no sentido
subjetivo) de Hierão é atribuída à sua piedade ao dedicar a sua fortuna
(*ólbos*, em sentido objetivo) para honrar o deus de Delfos, Apolo, o
que forma a ponte perfeita para o relato mítico de Creso que virá no
epodo.

v. 23: ἐπεὶ ποτε – *Epeí* aqui é causal; ao passo que *poté* sinaliza a
mudança de cena para o mundo mítico dos reis e heróis do passado. O
relato mítico-histórico é dado por Heródoto 1.86-91 e me escusarei,
dado o exíguo espaço deste artigo, de detalhá-lo, mas basta dizer que o
relato de Heródoto difere em pontos importantes do de Baquilides.
Lá, Creso é condenado à pira por Ciro; é Apolo que, sozinho, apaga o
fogo da pira e, por fim, Creso torna-se conselheiro de Ciro, em vez de
ser transportado para a terra dos hiperbóreos. Em especial, a questão
do *ólbos*, na versão de Heródoto, tem um importante papel na fala que
Creso dirige a Ciro do topo de sua pira.

vv. 23-4: δαμασίππου/ Λυδίας ἀρχαγέταν – Como nota Maehler
(1982, p. 46; 2004, p. 90), citando o fr. 14.3 de Mimnermo, Λυδῶν
ἵππομάχων, essa cidade era famosa por seus cavalos e cavaleiros, algo
também atestado por Heródoto, 1.79.3. ἀρχαγέταν aqui ecoa o
πλείσταρχος do v. 12.

vv. 25-6: εὔτε τὰν πεπ[ρωμέναν Ζηνὸς τελέ[σαντος κρί]σιν – A hipótese de Kenyon (1897, p. 20), κτίσιν, é muito atrativa, sobretudo em virtude do paralelo com a *O.* 13.116-18 τελεί δὲ θεῶν δύναιμι καὶ τὰν παρ' ὄρκον/ καὶ παρὰ ἐλπίδα κού-/φαν κτίσιν. Infelizmente, essa é a única passagem em que o termo é empregado num sentido semelhante ao que teria no texto de Baquilides. A proposta de Jebb e Sandys, τίσιν (*apud* Kenyon, 1897, p. 20, n. 26), que adotei no texto e tradução, é ainda melhor, porque reaparece nas palavras da Pitonisa aos emissários de Creso, em Heródoto (1.91.1), de que sua ruína seria uma expiação (τίσις) pelo crime de Giges. Τίσις também evoca os versos de Álcman (1.36-9 PMGF), de temática semelhante, segundo o qual ἔστι τις σίων τίσις-/ ὁ δ' ὀλβιος, ὅστις εὐφρων/ ἀμέραν [δι]απλέκει/ ἄκλαντος. É, no entanto, a hipótese de Weil (1898, p. 46, n. 5), κρίσιν, que aparece hoje na edição de Maehler (2003). Os paralelos com Ésquilo, *Agamémnon*, 1288, ἐν θεῶν κρίσιν e com o treno fr. 131b.6 de Píndaro, δείκνυσι τερπνῶν ἐφέρποισαν χαλεπῶν τε κρίσιν parecem estabelecer um bom antecedente para esse suplemento, muito embora o contexto nesta ode (o crime de Giges) o desqualifique.

v. 28: χρυσά[ορος] – O epíteto aparece *in lacuna*. Kenyon (1897, p. 21, n. 28) propusera χρυσάρματος ou χρυσόθρονος, bastante raros, sendo o segundo mais associado a divindades femininas. Baquilides usa χρυσάρματος para se referir à deusa Atena (13.157), e Píndaro, para se referir à Lua (*O.* 3.35), a Cástor (*P.* 5.10/11), aos Eácidas (*I.* 6.27), sendo que, na *P.* 9.9/11, Apolo leva Cirene para a Líbia numa carruagem de ouro (χρυσείῳ... δίφρῳ). Já χρυσάορος é diversamente interpretado, desde a Antiguidade, como “aurigládio” ou como “auribálteo”. Segundo o LSJ, *s.v.*, o sentido primitivo de ὄαρ é “talabarte”, “boldrié”, “bálteo”, ou seja, uma alça usada para carregar uma arma à ilhargá, normalmente uma espada (daí seu outro significado, por metonímia), mas também podia ser usada para carregar um carcás ou um instrumento musical como a lira. O argumento do escólio à *Iliáda* 15.256, onde Apolo é descrito com o mesmo epíteto, parece-me convincente para traduzir o adjetivo composto por “auribálteo” ao invés de “aurigládio”: τὸν χρυσοῦν ἄορτῆρα περὶ τὴν κιθάραν ἔχοντα (...) ἦτοι – ἀγνὸς γὰρ ὁ θεός. O escólio também cita o treno fr. 128c S.-M. de Píndaro, no qual Orfeu é descrito com o mesmo epíteto, que dificilmente poderíamos interpretar como “aurigládio” naquele contexto.

v. 29: ἀελπτον ἄμαρ – Jebb (1905, p. 257) traduz por “*unlooked-for day*”, e Cairns (2010, p. 203) comenta que “*Croesus' thoughts were typically quite different from his apparent fate*”. A rigor, todos os dias do futuro são “*unlooked-for*” para os humanos, muito embora Zeus já o tivesse predestinado para a ruína pelo crime de Giges (Heródoto, 1.91). Como vamos ficar sabendo pelo proêmio (v. 75 s.), as esperanças humanas estão fadadas a serem frustradas; exceto aquela relativa à morte, sempre certa. Festa (Baquilides, 1898, p. 13) traduz por “infausto”, Romero (Baquilides, 1988, p. 87) por “desperado dia”

e há, de fato em ἄελπτον, também uma conotação secundária de “desesperançoso dia”.

v. 32: χαλκ[ο]τειχέος – Outro unicismo. Jebb (1905, p. 258) nota que Baquilides, à moda épica, forma compostos tanto com χαλκεο- como com χαλκο-, mas Píndaro, só com o segundo. O elemento -τειχής deve se referir, por metonímia, aos portões de bronze mais do que aos muros ou às paredes do pátio. O bronze é tipicamente empregado para descrever a morada mítica dos deuses, como a de Hefesto na *Iliada* 18.369-71, e a de Alcínoo e de Eólo, na *Odisseia* 7.86 e 10.3-4 (Maehler, 1982, p. 47; 2004, p. 91). Aqui, a menção ao bronze parece evocar associações mais sinistras, seja pela sua cor, similar à do “do terrível fogo” que irá luzir com “brilhante (...) força” (vv. 53-4), seja pelo fato de estar ligado à guerra e à morte. Como paradigma do primeiro caso, temos a “raça de bronze” de Hesíodo nos *Trabalhos e Dias*, vv. 140 s., uma raça que Ἀρης/ ἔργ’ ἔμελεν στονόεντα καὶ ὕβριες. Os Aqueus são descritos por Homero como χαλκοχιτώνες (e.g., *Il.* 2.47) e Píndaro (*P.* 5.109) os descreve como χαλκοχάρμαι, i.e., “erigaudentes”, ou (*I.* 4.108) χαλκοάραι, “eriindutos”. A propósito, esses versos são reminiscentes dos versos iniciais do fr. 140 Voigt de Alceu: μαρμαίρει δὲ μέγας δόμος/ χάλκῳ, παῖσα δὲ Ἀρης κεκόσμεται στέγα/ λάμπραισι κυνίαισι κτλ. A associação com a guerra transiciona facilmente para uma com a morte, pois o bronze é δαμασίμβροτος em Baquilides, *Epin.* 13.17. Segundo Hesíodo (*Teogonia*, 726-33), o Hades, para onde vão os homens “feridos pelo bronze” (fr. 204.118), é circundado por um muro de três camadas desse material, com que também são feitos seus portões de acesso. O “sono da morte” de Ifidamas na *Iliada* 11.41, é um χάλκεον ὕπνον. A própria Morte é descrita por Hesíodo, na *Teogonia*, 764-5, como tendo um χάλκεον (...) ἦτορ. Cairns (2010, p. 203) nota que a magnificência dos portões (ou muros) de bronze do pátio palaciano de Creso contrasta com o “xilino construto” da pira onde ele se assenta para a autoimolação.

vv. 33-6: σὺ[ν ἀλόχῳ] τε κεδ[νᾶι (...) αἰείρας – O desespero da esposa e das filhas contrasta com a augusta e resignada atitude do rei (Maehler, 1982, p. 48; 2004, p. 92). O adjetivo ἄλα[στον, que aqui, como na *Od.* 14.174, significa “inconsolável”, evoca o ἄελπτον do v. 29 como “desesperançoso”: as filhas de Creso não podem ser consoladas porque não podem ser salvas e, frente à total desesperança de seu destino, perdem todo o sentido de compostura. A posição que Creso assume, levantando as mãos para o céu, é precatória. Aqui, αἰτὸν, “precípito”, “árduo”, reforça não apenas a altura do céu, que normalmente é descrito como βαθύς, mas também seu distanciamento e inacessibilidade.

v. 37: γέγωνεν·ὕπερ[βι]ε δαῖμον – Cairns (2010, p. 200; 204) nota como toda a ode é pontuada por gritos – de espanto, alegria, tristeza. Aqui, Creso “brada” (γέγωνε) contra o *daítmōn*; no proêmio, na mesma posição métrica, o povo grita (θορέω) *triseudatítmōn*; as filhas de

Creso lança lamentos (δύρομαι) ao subir na pira; depois, gritam (κλάζω), ao verem o fogo ser aceso; o poeta vozeia (γαρύω) sua sabedoria, no exórdio. O *daímōn*, segundo Jebb (1905, p. 258-9) e Maehler (1982, p. 47; 2004, p. 92), é Zeus e não Apolo, muito embora o LSJ, s.v. ὑπέρβιος atribua o vocativo ao segundo. A escolha é difícil, a despeito da certeza de Maehler. Se por um lado é Zeus que vem em socorro de Creso, por outro, a menção à ingratidão divina pelas oferendas enviadas a Delfos faz pensar em Apolo, uma ideia reforçada pelo rancor demonstrado por Creso em Heródoto (1.90.4) ao indagar da Pitonisa, e, portanto, de Apolo, εἰ ἀχαρίστοισι νόμος εἶναι τοῖσι Ἑλληνικοῖσι. Como Cairns (2010, p. 206), acredito ser mais provável que, aqui, δαίμων tenha a acepção de “destino”, como glosa o LSJ, s.v. Como esclarece Chantraine (1968, s.v.), “*le terme s’emploie chez Hom. pour désigner une puissance divine que l’on ne peut ou ne veut nommer, d’où les sens de divinité et d’autre part de destin*”. Uma leitura ainda mais provável frente ao que Creso, ponderando sua desgraça, diz para Ciro em Heródoto (1.87.4): ἀλλὰ ταῦτα δαίμοσιν φῖλον ἦν οὕτω γενέσθαι. O sentido do adjetivo ὑπέρβιος, aqui empregado pejorativamente dado o contexto (Cairns, 2010, p. 205), preserva tanto a noção de “fortíssimo” (ὑπερφύης, μεγαλοφύης), “excessivamente violento” (ἄγαν βιαίως), quanto de “arrogante”, “altivo” (ὑπερήφανος), daí minha tradução por “soberbo”, que em português tem uma polissemia semelhante, ver Houaiss, s.v.

vv. 38-9: πο]ῦ θεῶν ἐστὶν χάρις;/ πο]ῦ δὲ Λατοῖδας ἀναξ; – Cf. um sentimento semelhante expresso por Pílates em Êsq. *Coéforas*, v. 900-2, ποῦ δὴ τὸ λοιπὸν Λοξίου μαντεύματα/ τὰ πυθόχρηστα, πιστὰ τ’ εὐορκώματα;/ ἅπαντας ἐχθροὺς τῶν θεῶν ἡγοῦ πλέον, e Eur. *Troianas*, v. 428, ποῦ δ’ Απόλλωνος λόγοι;. O exaspero humano diante da aparente falibilidade dos editos divinos, mormente oriundos de uma má interpretação das palavras de um oráculo, é um *tópos* na tragédia. Nesse caso, a resposta da Pitonisa à inquirição de Creso em Heródoto, 1.90.4 s., foi a de que (a) nem mesmo os deuses podem lutar contra o destino – e o de Creso fora selado pelo crime de Gíges há cinco gerações – e que, ademais, (b) Creso, em sua prepotência, não soubera interpretar as palavras de Lóxias.

vv. 40-4: Ἀλυά[τ]τα δόμοι (...) (...) χρυσο]δίνας – Esses versos estão muito mutilados e, ainda que Jebb (1905) tenha provido suplementos meramente exemplificativos, a maioria deles foi acatada pelos editores e comentadores posteriores. Aliates era o pai de Creso e reinou por volta de 635-585, como o quarto monarca da dinastia Mermnada. Jebb (1905, p. 259) ressalta que a prominência dada a Aliates deve-se ao fato de que foi ele, e não Gíges, que tornou a dinastia verdadeiramente imperial. No entanto, parece-me que Baquilides evita nomear Gíges em virtude do crime de traição por ele cometido, que, nas palavras da Pitonisa em Heródoto (1.87), serão a causa da derrocada de Creso. Dessa forma, Baquilides sutilmente nos mostra como Creso não apenas interpretara mal as palavras de Apolo mas

também ignorava, ou pretendia ignorar, os crimes cometidos pelo seu antepassado, para o qual certamente haveria uma *tísis* dos deuses. Πυθωνόθε]ν: Pito é como se chamava o local onde ficava o santuário de Delfos, pois ali Apolo matara o dragão Píton, cujo corpo deixara para apodrecer (*pythéō*). O epíteto χρυσο]δίνας, *in lacuna*, seria perfeito para descrever o rio Pactolo, famoso pelo ouro dissolvido em suas águas.

vv. 45-6: ἀεικελίως γυναῖκες/ ἐξ ἐϋκτίτων μεγάρων ἄγονται – Cairns (2010, p. 206) nota como a violência e o rapto das mulheres lídias é o ponto culminante da desonra de Cresos, que prefere suicidar-se, levando consigo a esposa e as filhas, a vê-las desonradas pelo inimigo. Para esse sentimento na literatura grega ele cita *Il.* 6.448-65 (a fala de Heitor para Andrômaca), 9.594 (Cleópatra para Meleagro), *Od.* 16.106-9 = 20.316-19, onde vemos a indignação de Odisseu e Telêmaco em face do tratamento dispensado às servas do palácio.

v. 47: τὰ πρόσθεν [ἐχ]θρὰ φιλα θανεῖν γλύκιστον – O assíndeto é severo, mas adequado aos últimos estertores de um homem já cansado e vencido. Mantive-o em minha tradução. Logo acima de]θρὰ φιλα, o escriba acrescentou uma glosa explicativa, νῦν, que não deveria, como bem explica Kenyon (1897, p. 22, n. 47), fazer parte do texto original. Deve-se entender que o “outrora odiado” é a morte, a qual, na presente situação, torna-se a única saída digna e, de fato, a mais gentil frente ao prospecto da “escravidão multilacrimosa”.

vv. 48-9: τόσ’εἶπε, καὶ ἄβ[ρο]βάταν (...) ξύλινον δόμον – τόσα indica que as últimas palavras de Cresos são ditas com muito esforço, enfatizando o assíndeto do v. 47. ἄβ[ρο]βάταν aparece pela primeira vez em *Ésq. Persas* v. 1072, e depois, aqui. Maehler (1982, p. 50, n. 20; 2004, p. 93) supõe que Baquilides tenha assistido à reperformance da peça em Siracusa (ver *Schol. Arist. Rãs*, 1028) e tomado o termo emprestado para o escravo lídio, chamado Êutico na ânfora de Míson (Louvre Inv. G 197). Para uma discussão detalhada do sentido do substantivo na peça de Ésquilo, veja Garvie (2009, p. 369-70). Esse andar cuidadoso e delicado dos escravos asiáticos fora estendido, a partir do *tópos* já bem estabelecido da ἀβρότης, ou “delicadeza” oriental, para todos os asiáticos, contrastando sua (percebida) malemolência com o andar firme e decidido dos gregos. Mais tarde, Eurípides (*Troianas*, v. 820) usará uma locução equivalente para descrever o andar de Ganimedes como escanção dos deuses: ὦ χρυσέαις ἐν οἶνοχόαις ἀβρὰ βαίνων. Maehler (2004, p. 93) nota que a expressão ξύλινον δόμον é praticamente a mesma usada por Píndaro na *P.* 3.68, para descrever a pira sobre a qual o corpo de Corônís é queimado, ξύλινον τεῖχος. Neste caso, δόμος preserva a *acepção de δέμω*, “construir”, *daí minha tradução por “construto”. Xilino, “de madeira”, já está registrado no VOLP.* Na verdade, toda essa passagem, inclusive a intervenção de Zeus, é remanescente da citada cena da *Pítica* 3. 53-54.

vv. 51-2: προφανής θνα-/τοῖσιν ἔχθιστος φόνων – Maehler (1982, p. 51; 2004, p. 93) lembra que no *Prometeu* de Ésquilo (250) e no

Górgias (523d) de Platão, Prometeu é creditado como tendo impedido os mortais de preverem sua própria morte. Quando pensamos que Hierão morreu depois de um ano (se tanto) da performance dessa ode, esses versos soam algo lúgubres. A postura comedida de Cresos frente à sua autoimolação e à imolação de sua própria família, porém, deveria ter sido pensada como emulada pelo tirano. Ela é contrastada com o comportamento descomedido de sua mulher e filhas. Cairns (2010, p. 206-7), no entanto, tem razão ao salientar que, ao passo que Cresos busca, de sua própria vontade, a morte (θάνατος), o que as filhas temem é o assassinato, isto é, a morte na mão de outrem (φόνος). Maehler (1982, p. 51; 2004, p. 93) nota que a opinião em contrário, isto é, de que é melhor saber da morte iminente, a fim de se preparar, é atestada pela primeira vez no *Teseu* de Eurípides (fr. 964 Nauck; trad. por Cícero em *Tusc.* 3.13.28-9), depois em Aristóteles, *Ética Nicomaqueia*, 3.117a18-22.

vv. 53-56: ἀλλ' ἐπει δεινοῦ πυρὸς (...) ξανθὰ[ν φλόγα – Cf. essa passagem com a P. 3.66-79 s. de Píndaro em minha tradução e comentário em Brose (2022). O epíteto [μελαγκευ]θές, muito embora *in lacuna*, parece muito apropriado ao sentido e, além disso, é atestado no fr. 29, onde Odisseu é descrito como μελαγκευθὲς εἰδῶλον ἀνδρὸς Ἰθακησίου. Como nota Maehler (1982, p. 51; 2004, p. 93), Zeus, que determinara a destruição de Sárdis (vv. 25-6), reaparece agora para salvar Cresos da morte. Cairns (2010, p. 207) assinala a paradoxal inversão da convenção epinicial segundo a qual “luz é bom” e “escuridão é ruim” nos versos [μελαγκευ]θὲς νέφος/ σβέννυνεν ξανθὰ[ν φλόγα. No entanto, aqui, como na P. 3, o fogo poderia aludir à febre que acometia Hierão, o que validaria uma (apenas aparente) quebra da fraseologia poética do epinício.

vv. 57-8: ἄπιστον οὐδέν (...) τεύχει – Essa gnoma pode ter sido pensada como uma consolação a um Hierão muito doente: a cura da doença não seria impossível se os deuses assim desejassem. Se minha interpretação estiver correta, ela se adequa àquilo que Píndaro critica no proêmio da P. 3 como um “vulgar... dito” (κοινὸν... λόγον), pois seria inútil, segundo o tebano, e talvez até ímpio, rezar por coisas impossíveis; ao contrário, seria melhor entender que, para cada alegria, os deuses dispensam duas tristezas, e que o melhor é suportar, reprimindo essas e exteriorizando aquelas (P. 3.141 s.). Da famosa gnoma da P. 3.109-110, ficamos sabendo que não se deve almejar uma vida imortal, mas, em tudo aquilo que nos é possível fazer, enquanto humanos, buscar o ápice sempre, como Hierão fizera. Muito embora haja gnomas semelhantes a ἄπιστον οὐδέν, ὃ τι θεῶν μέ[ριμνα]/ τεύχει em Píndaro, elas parecem se restringir aos feitos dos heróis do passado e não são, como aqui, diretamente aplicáveis ao laudado. Na *Olímpica* 13.117-19, por exemplo, o aforismo τελεῖ δὲ θεῶν δύναμις καὶ τὰν παρ' ὄρκον καὶ παρὰ ἐλπίδα κούφαν κτίσιν se aplica a Belerofonte, ao passo que na *Pítica* 10.76-8, ἐμοὶ δὲ θαυμάσαι/ θεῶν τελεσάντων/ οὐδέν ποτε φαίνεται ἔμμεν ἄπιστον, ele se refere a Perseu.

vv. 58-60: τότε Δαλογενή[ς Από]λλων (...) κατ[έν]ασσε κούραις – Segundo Jebb (1905, p. 261), a escolha do epíteto Δαλογενής seria tanto uma forma de favorecer o santuário jônio do deus em Delos quanto de fazer uma alusão ao fato de que os hiperbóreos teriam sido os primeiros a enviar oferendas para lá (Heródoto, 4.33-5). A transposição de Creso para a terra dos hiperbóreos não equivale a uma imortalização, pois os hiperbóreos não são nunca descritos como imortais, muito pelo contrário. Heródoto (4.34) nos conta que as duas meninas hiperbóreas, Hipéroque e Laódice, encarregadas de trazer oferendas para Delos, teriam morrido nessa ilha, o que fez com que os hiperbóreos deixassem de mandar emissários, enviando suas oferendas através de uma rede de entrepostos. Mesmo Píndaro, na *Pítica* 10.64-8, não chega a dizer que os hiperbóreos eram imortais, mas que “[n]em doenças nem velhice destrutiva/ sua sacra estirpe oprime. De fainas/ e de conflitos longe// habitam, tendo escapado/ à justiceira Nêmesis”, uma descrição semelhante àquela de Hesíodo, em *Trabalhos e Dias*, v. 170 s., e à dos Campos Elísios homéricos (*Od.* 4.536). A terra dos hiperbóreos também não pode ser equivalente à Ilha dos Bem-aventurados da *O.* 2.123 s. de Píndaro, para onde iriam os espíritos purificados dos mortos. A introdução dos hiperbóreos, aqui, mais parece servir a dois propósitos principais: primeiro, como paralelo entre Hierão e um herói da Quarta Idade hesiódica, na qual Baquilides parece inserir uma figura histórica como Creso; e para enfatizar, por associação, a relação de Creso com Apolo (assim, Cairns, 2010, p. 208), devido à devoção especial desse povo ao deus, como ficamos sabendo pela *O.* 3.28-9 (δάμον Υπερβορέων... Απόλλωνος θεράποντα). O epíteto τανίσφυρος, aplicado somente ao sexo feminino, literalmente significa “de longos tornozelos”, que, poeticamente, no entanto, deveria significar, por metonímia, as pernas longas e finas de donzelas não acostumadas ao trabalho físico, daí minha tradução por “pernalteiras”.

vv. 61-66: δι’ εὐσέβειαν (...) Λοξί]αι πέμψαι βροτῶν – A piedade (εὐσέβεια), aqui enfatizada no início da antístrofe, é qualidade em comum entre o exemplo mítico e o *laudandus* e, portanto, o ponto de inflexão que permite ao poeta voltar à ocasião da canção. A restritiva ὅσο[ι <γε> μὲν ’ Ελλάδ’ ἔχουσιν pode servir tanto para evitar a comparação com os hiperbóreos e com Creso, que vivia na Ásia, quanto para suavizar uma hipóbole, que, talvez, poderia ser sentida como híbristica. Muito embora Maehler (2003, p. 11) grafie ὅσο[ι <γε> μὲν como uma adversativa, Jebb (1905, p. 262) tinha razão ao dizer que “μὲν, added to γε here, merely emphasizes the limitation (...). This is not the Ionic γε μὲν in the sense of γε μὴν (...), which occurs below, in v. 90”.

vv. 67-71: εὐ λέγειν πάρεστιν (...) ἔχοντ]α Μουσᾶν – Segue-se o tema do χρέος, ou “dívida epinicial”, o dever do poeta de louvar belos feitos atléticos. Esse tema é habilmente entrelaçado àquele do φθόνος, o rancor/ inveja a que estava sujeito qualquer um que obtivesse

tamanha glória, a maior, na verdade, a que um grego podia ambicionar. O verso τις μὴ φθόνῳ πιαίνεται evoca imediatamente o “cevado [i.e., Arquíloco]/ com pesadas palavras de ódio” (ἐχθεσιν πιαινόμενον) da *P.* 2.86-91. A inferência é clara: qualquer um que não louve Hierão o faz unicamente por inveja/ rancor, um domínio alheio à poesia laudatória, mas apropriado às invectivas de Arquíloco. Hierão apresenta ainda três outras qualidades normalmente invocadas num epinício: é um tratador de cavalos amado por um deus (a agência divina é sempre indispensável à vitória), um rei chancelado por Zeus e um cultor da arte das Musas. Essa descrição é praticamente a mesma daquela dos vv. 18-26 da *O.* 1. A ênfase no trato com os cavalos é típica de epinícios que celebram vitórias equestres, cf., por exemplo, *O.* 4. 24, *N.* 9.75-6, *I.* 4. 23.

vv. 72-76: ὥς δ' ἐν] Μαλέῃ ποτ[έ (...) ἐφ' αὐτῶν – Versos muito fragmentados e, como diz Jebb (1905, p. 263), “*all that is certain as to the sense [...] is that they formed a transition to the frame of Hieron's achievements (69-71) to that of the brevity and insecurity of life (75-92)*”. O suplemento de Blass, aceito por Jebb (1905, p. 263), que lê δει]μαλέα, em vez de Μαλέα no v. 72, não me parece convincente por causa do contexto imediato do poema, do enquadramento histórico em que se dá, e, sobretudo, da gnoma que se seguirá nos vv. 75 s. Como não haveria espaço para discutir essa opção de leitura, remeto os interessados ao Apêndice de Jebb à sua edição de Baquilides (Jebb, 1905, p. 461-63). Um primeiro argumento para se ler “Málea”, é a relevância desse cabo para o culto de Apolo, pois, de acordo com Tucídides (7.26.2) e Pausânias, (3.12.8), havia lá um templo de Apolo *Akritas*, isto é, o Apolo Guardião da Fronteira. O Cabo Málea, desde a *Odisseia* (9.64-81), sempre foi famoso pelas suas águas traiçoeiras e as frequentes e rápidas mudanças de tempo e de vento (τὰς ἀντιπνοίας, Estrabão, 8.6.20). Ver também a descrição de Estácio na *Tebaida*, 2.32-54. Segundo Heródoto (4.179.2), é ao cruzar o Cabo Málea que Jasão é desviado de seu curso e vai parar na Líbia. Por tudo isso, o cabo tornou-se um dos locais mais temidos pelos marinheiros e viajantes, a ponto de dar origem ao provérbio Μαλέας δὲ κάμψας, ἐπιλάβου τῶν οἴκαδε. Daí, inclusive, a preferência da maioria dos navios por aportar em Corinto e seguir por terra para o oeste. Dessa forma, o sentido poético dessa passagem, que sempre foi pouco explorado pelos comentadores, deve ser encontrado no fato de que esse cabo era o ponto axial na passagem da parte oriental da Grécia para a ocidental e, portanto, pode ser entendido como uma metáfora para a “segunda metade” ou até mesmo “o ocaso” da vida, de uma forma muito semelhante à expressão “dobrar o cabo da Boa Esperança” para dizer que alguém já está em seus últimos anos.

vv. 75-6: πτερ]όεσσα δ' ἐλπίς ὑπ[ολύει ν]όημα/ ἐφ' αὐτῶν – O caráter da *elpís*, a “esperança” na poesia grega é, como aqui, frequentemente ambíguo, tendendo a ser mais negativo do que positivo na lírica arcaica. Jebb (1905, p. 263), talvez influenciado por

essa tendência, suplementou a lacuna com δολό]εσσα, “dolosa”. Contudo, a imagem da *elpís* desagrilhoando o pensamento das preocupações presentes para os “carregar nas asas da imaginação” pareceu-me mais poética e coerente com a imagética arcaica. No mito de Pandora, contado por Hesíodo em *Trabalhos e Dias*, vv. 90-105, a *elpís* chega aos homens no mesmo jarro em que Zeus depositara todos os outros males, mas, ao contrário daqueles, que voam ao abrir-se da tampa, a *elpís* fica nela presa e lá permanece. Um pouco mais adiante, nos vv. 498 s., Hesíodo nos adverte: “Amiúde varão inativo, que fica junto à vã esperança (κενήν ἐπὶ ἐλπίδα)/ carecendo de recursos, de vilezas fala ao ânimo” (trad. Werner, 2013, p. 63), acrescentando que “uma esperança que não é boa (ἐλπίς δ’οὐκ ἀγαθή) de varão carente cuida”. Ambos os versos pressupõem que há tanto uma *elpís* que *não* é vã quanto, também, uma que é boa. Para uma apreciação crítica desses versos de Hesíodo com uma bibliografia *ad loc.*, ver sobretudo West (1978, p. 169 s.) e Verdenius (1985, p. 66 s.). Em resumo, West (1978, p. 169 s.) tende a ver *elpís* como um bem dado pelos deuses ao homem, um conforto frente a tantos males, ao passo que Verdenius (1985, p. 70) a vê sobretudo como uma “expectativa de infelicidades”. Talvez, porém, *elpís* seja melhor entendida se levarmos em conta que Hesíodo se coloca dentro da Idade de Ferro, uma idade, como já notou Vernant (2007, p. 261; 272 s.), marcada sobretudo pela *mistura* do bem e do mal, cuja distinção é difícil ao homem. É somente a *elpís*, de bens ou de males, que pode fornecer ao homem, destituído do *méga noús* dos deuses, alguma guarida contra as desgraças. Como tudo o mais ligado à raça humana, a *elpís* pode ser usada sábia ou insabidamente. O homem sábio entende que o seu *mikrós noús* é suficiente apenas para ver, entender e prever as coisas que acontecem num único dia (cf. Semônides, 1.1-7 W2), e não ousa planejar nada além disso. Ademais, como salientará Apolo nos versos seguintes, tudo é possível num mundo em que o bem e o mal não podem ser previstos. ἐφαμ]ερίων: a leitura *in lacuna* é controversa (sobre isso, Cairns, 2010, p. 209), mas me parece segura, apesar da repetição no v. 73. Distanciando-me da tradição aqui, traduzo como um genitivo neutro plural com sentido ablativo, consoante à interpretação precedente e ao elogio feito a Hierão pelo poeta no contexto imediatamente anterior (v. 76, καιρί]α σκοπεῖς), “mas tu do oportuno cuidas” e, parece-me a inferência implícita, “não te deixas levar pela imaginação, buscando coisas que são impossíveis”. Deve-se notar que a glosa do P.Oxy. 2367, do séc. II (M, no texto de Maehler (1982; 2003), que o julga “very pedestrian and on a quiet modest level” (Maehler, 2004, p. 27) aos vv. 75-6, “ἡ πτερ[όεσσα ἐλπίς δι]αφθείρει τὸ [τῶν ἀνθρώπων ν]όημα”, não nos ajuda a definir a questão, já que “dos homens” (*anthrōpōn*) está em lacuna.

vv. 76-77: ὁ δ’ ἀναξ[]τος νῦν – Barret (2007, p. 211) contesta com razão o artigo antes de ἀναξ e propõe ler ὁ δ’ ἀναξιφόρμιγξ/ ἐκαβόλος, em vez de ὁ δ’ ἀναξ [Απόλλων/ ὁ βουκό]λος de Kenyon (1897, p. 26),

que registra ainda a sugestão de Jebb, ἐκάβολος, muito embora esse tenha mantido ὁ βουκό]λος em sua edição de 1905. As ocorrências de ὁ ἀναξ + nome próprio apontadas por Cairns (2010, p. 210) são as exceções que confirmam a regra. Assim, parece-me que a sugestão de Barret de que um composto com ἀναξ- (Píndaro *O.* 2.1 e Baquilides, *Epinício* 4.7) deva ser restaurado aqui, está muito bem fundamentada, e, por isso, a adotei no texto grego e na tradução. Na verdade, não deixa de ser surpreendente que ela ainda não goze de ampla aceitação. No que diz respeito à segunda parte, isto é, ao ἐκάβολος, continuo preferindo a restauração de Kenyon (1897, p. 26), mantida por Jebb (1905), isto é, ὁ βουκό]λος, por me parecer mais adequada ao contexto. O julgamento peremptório de Maehler (1982, p. 54; 2004, p. 95) de que ἐκάβολος é “*the only convincing supplement so far suggested*” é exagerado. Como sabemos do prólogo da *Alceste* de Eurípides, Apolo fora condenado por Zeus a servir de pastor para Admeto, o filho de Féres do v. 77, durante dez anos por ter matado os Ciclopes (ou seus filhos; Ferécides, *FGrH* I F 35). Maehler (1982, p. 54; 2004, p. 95) supõe que na Antiguidade possa ter surgido uma coletânea de “Ditos de Admeto” (Αδμήτου λόγοι) semelhantes ao poema épico “Ensinaamentos de Quíron” (Χείρωνος Υποθέκαι) atribuído a Hesíodo por vários autores (ver Hesíodo, fr. 283-5 M.-W). Praxila (séc. V), ao menos, no fr. 749 pmg faz menção a um possível escólio chamado Αδμήτου λόγοι. Aparentemente, como argumenta Bowra (1967, p. 376-8), esses ditos/ canções de Admeto teriam um caráter aristocrático, sendo contrapostos, em Aristófanes (fr. 430), por exemplo, à canção democrática dos Tiranícidias. Numa ode a Hierão, esses ditos seriam, então, bastante apropriados.

vv. 78-84: θνατὸν εὖντα (...) κερδέων ὑπέρτατον – Como nota Cairns (2010, p. 210), há um paralelo (mas eu não diria *exato*) com os vv. 163-5 do *Epinício* 1: ὁ δ' εὖ ἔρδων θεοῦς/ ἐλπιδι κυδρотеρά σαι-/νει κέαρ. Maehler (1982, p. 54-5; 2004, p. 95-6) identifica uma intertextualidade interessante com o fr. 256 CGF de Epicarmo (c. 550), οὕτω πειρώ ζῆν ὥς καὶ ὀλίγον καὶ πολὺν χρόνον βιωσόμενος. Contudo, a fala de Apolo no contexto do poema, que retoma e expande o tema do βραχύς ἐστιν αἰὼν e o da rápida mudança na fortuna dos homens, parece se aproximar mais, na fraseologia e no sentido, do fr. 244 Poltera (521 pmg) de Simônides de Ceos: ἄνθρωπος ἐὼν μήποτε φήσῃς ὃ τι γίνεται αὔριον,/ μηδ' ἄνδρα ἰδὼν ὄλβιον ὅσσον χρόνον ἔσσεται/ ὡκεῖα γὰρ οὐδὲ τανυπτερύγου μῦας/ οὕτως ἅ μετὰστας. Os vv. 83-4, ὅσια δρῶν εὐφραϊνε θυμὸν κτλ., provavelmente devem ser atribuídos ao poeta e não a Apolo. Na tradução, resolvi retirar as aspas, preservando essa ambiguidade na atribuição das falas, o que já aparece nos vv. 10 s. Os vv. 83-4 retomam os vv. 21-22 da segunda antístrofe, que pedem que ὅσια, aqui, seja lido com um sentido aproximado de “aproveita o dia com um coração leve, lembra-te tão somente de honrar os deuses”. Segundo Jebb (1905, p. 264), porém, “*this is in a higher strain than carpe diem*”. Nesse sentido,

portanto, a tradução proposta por Maehler (2004, p. 96), “*righteous deeds*”, fica aquém da dimensão religiosa e cultural lá enfatizada. Curiosamente, na sua tradução de 1982 (Maehler, 1982, p. 67), ele parece ter proposto uma leitura mais próxima do grego, “*gottgefällige Taten*” (ações apropriadas/ honrosas aos deuses). O τοῦτο γὰρ/κερδέων ὑπέρτατον tanto coloca na boca do deus a máxima do poeta, expressa nos vv. 21-2, [ὁ] γὰρ ἄριστος ὄλβων, assim fechando a composição em anel que encerra a narrativa mítica de Crespo.

vv. 85-90: φρονέοντι συνετὰ γὰρ ὡς (...) ἀγκομίσσαι/ ἦβαν – Uma gnoma de transição do mito à ocasião. A afirmação de Maehler (2004, p. 97) de que “[t]he meaning of this sequence of *gnomai* has eluded most scholars” é um tanto exagerada, e, talvez, mais apropriada à sua própria leitura da passagem, da qual divirjo em pontos importantes. Primeiramente, parece que estamos diante de uma fraseologia formular da poesia epinicial, mais do que de uma imitação pindárica, mas tampouco podemos excluir essa possibilidade, ao menos se dermos algum valor aos comentadores antigos (ver testemunhos 7-10 em Campbell, 1994, p. 105-9), segundo os quais havia uma rivalidade acirrada entre os dois poetas (ver Gentili *et al.*, 2013, p. 50 s.). É preciso lembrar ainda que as odes em que Píndaro usa uma fraseologia muito semelhante a esses versos, a *Olímpica* 1 e a 3, antedatam o *Epínicio* 3 em, respectivamente, oito e dois anos, pois são de 476 e 470. Não teríamos tempo de discutir essa complexa questão aqui, mas, em resumo, acredito que Maehler (1982, p. 56; 2004, p. 97) acerta ao rejeitar a teoria da “*open imitation*” de Jebb (1905, p. 264). Ele se equivoca, todavia, ao partir de uma falsa oposição entre a *Il.* 23.787, εἰδόσι ὑμῶν ἔρως e a *P.* 4.252, “εἰδότι τοι ἔρως”, em suas próprias palavras “*you know already what I am going to say*”, ao traduzir φρονέοντι συνετὰ γὰρ ὡς como “*you have to reflect on what I am going to say*”, pois o que se segue a essa afirmação de Baquilides são verdades universais, sobretudo a última, segundo a qual só passamos pela juventude uma vez. O sentido de φρονέοντι συνετὰ γὰρ ὡς, portanto, não pode ser o mesmo daquela afirmação da *O.* 2. 150-152, em que Píndaro classifica seus versos como ὡκέα βέλη (...) φωνάεντα συνετοῖσιν, isto é, “setas velozes (...) vozeantes aos expertos” *somente*, já que aos outros, “de intérpretes se carece” (v. 153-4). Aqui, ao contrário, Baquilides anuncia coisas que são óbvias, imediatamente inteligíveis (ver συνετός, s.v., LSJ, II) a qualquer um: o éter é inconspicuo; a água do mar, ou porque salgada ou porque nunca fica estagnada, nunca estraga; o ouro é uma eterna fonte de alegria (Jebb, 1905, 264; Kenyon, 1897, p. 28) porque incorruptível. Para entender a relação do ouro com o éter e a água neste priamel, é preciso lembrar do paralelo com o fr. 541.3-5 PMG (256.3-5 Poltera) de Simônides, que diz: ὁ δὲ χρυσοῦς οὐ μαιίνεται [...] ἀλάθεια παγκρατής. Ou seja, trata-se aqui do *elemento* ouro, entendido em sua dimensão cósmica e eterna. Píndaro, inclusive, o faz filho de Zeus no fr. 222 S.-M. Por isso, não acredito que se possa tomá-lo como metonímia para “riqueza” aqui nem nas passagens

citadas de Píndaro da *O.* 1 e 3. Na primeira ode, o ouro, enquanto metal de cor alaranjada, é comparado ao fogo, um elemento purificador e símbolo da pureza e, em algumas cosmogonias, sobretudo a heraclitiana, da eternidade. Além do mais, tanto na *O.* 1 quanto na 3, o ouro é o vértice das riquezas, e não a própria riqueza, daí os genitivos partitivos *μεγάνορος ἔξοχα πλούτου* e *κτεάνων*. Os vv. 85-90 estruturam-se, então, num priamel antitético, em que os três primeiros exemplos formam um tricólon que busca uma generalização (Lausberg, 1990, §341-2), a saber, como nota Krischer (1974, p. 90-1), que os elementos cósmicos, entre os quais está o ouro, são imperecíveis, ao passo que o corpo humano, não. O priamel então é do tipo decrescente até esse ponto (o que Bundy chamaria de “*dark foil*”), mas a forte adversativa *γε μὲν* (equivalente ao *γε μήν* ático) logo após *ἀρετᾶς* marca uma virada no tom da narrativa, que agora ascendendo, confere uma grande proeminência ao “brilho da virtude”, que encerra o priamel nos vv. 91-2. A interpretação aludida de Maehler, que separa o ouro dos outros dois elementos do priamel, a saber, o éter e a água do mar, quebra, portanto, a lógica interna cuidadosamente preparada pelo poeta. Para uma argumentação semelhante e congruente com a aqui exposta, ver Cairns (2010, p. 212-13). Sobre a função poética do ouro e seu relacionamento com o fogo e o tema do dispêndio, veja o interessantíssimo artigo de Carson (1984).

vv. 92-95: *Ιέρων, σὺ δ' ὄλβου (...) οὐ φέρει κόσμ[ον σι]ωπά* – O nome de Hierão (um *name cap*, segundo Bundy, 1962, p. 5-6, n. 18) recorre no fim da ode em companhia de uma de suas palavras-chave, *ólbos*, “fausto”, “dita”, como já comentamos e, de certa forma, resume o seu assunto, além de oferecer uma dica para a audiência de que a ode está chegando ao fim (Maehler, 2004, p. 98). Cf. o paralelo aduzido por Kenyon (1897, p. 29) em Sófocles, *Ájax*, v. 293, *γυναιξὶ κόσμον ἢ σιγῇ φέρει*.

vv. 96-98: *σὺν δ' ἄλαθ[εῖαι] καλῶν/ καὶ μελιγλώσσου τις ὑμνήσει χάριν/ Κηῖας ἀηδόνο*ς – Para Cairns (2010, p. 215), esses versos colocam vários problemas de interpretação e tradução, dentre os quais: (a) deve-se ler *καλῶν* com *σὺν δ' ἄλαθ[εῖαι]* ou *χάριν*? (b) *καὶ* é copulativo ou adverbial? (c) *χάριν* aqui funciona como uma preposição (“graças a”) ou como objeto direto de *ὑμνήσει*? Como ele observa (Cairns, 2010, p. 215), “*the permutation of these make for a wide range or suggested interpretations*”. A minha resposta a essas indagações está na tradução, isto é, tomo *καλῶν* como genitivo objetivo de *σὺν δ' ἄλαθ[εῖαι]*, *καὶ* como adverbial e *χάριν* como o objeto de *ὑμνήσει*. Como minhas escolhas se aproximam dos argumentos de Cairns na passagem citada, remeto o leitor, por uma questão de espaço, a esse autor para maiores detalhes e para as outras possibilidades de tradução. Preferiria, por aqui, salientar que Baquilides usa *ἀ-λαθεία* nesses versos num sentido muito próximo ao etimológico, com *α-* privativo + *λαθ-*, podendo ser construída tanto

como “aquilo que não pode ser encoberto” (a partir de ἀ-λανθάνω), isto é, algo “evidente”; ou, alternativamente, como “aquilo que, não podendo ser ocultado – por evidente – não escapa à memória”, isto é, “lembrança” (a partir de ἀ-λανθάνομαι), uma interpretação que privilegiamos na tradução. Essa última leitura tem a vantagem de retomar tanto a injunção para, com o auxílio (este é o significado de σὺν + *dativo* aqui) da lembrança de evidentes (ἀληθεῖς) belezas – isto é, as dedicatórias em Delfos, as vitórias olímpicas, os feitos militares etc. –, μὴ μελαμφάρει κρύπτειν σκότῳ, quanto a de que, a tais, οὐ φέρει κόσμον σιωπά. A lembrança (ἀ-λαθεία), contudo, não dura no tempo sem as canções (ῥυμοί) dos poetas. Neste caso, é através da lembrança dos belos feitos imortalizados nessa canção que os feitos de Hierão, através de inúmeras reperformances (τις ῥυμήσει, 97), serão preservados para a posteridade. Dessa forma, na minha tradução, a *sphragis* vincula, como no fr. 282 pmg (151 pmgf) de Íbico, a imortalidade do *laudandus* àquela do próprio poeta. Finalmente, Hutchinson (2001, p. 358) nota como a autorreferência nessa passagem, μελιγλώσσου/ Κηῖας ἀηδόνης, se adequa à afetação e à tendência à ornamentação típica de Baquilides (mas estranha, segundo ele, a Píndaro), citando como paralelo os epinícios 4.7-8 ἀδυεπής... Οὐρ[αν]ίας ἀλέκτωρ (“dulcíloquo (...) galo de Urânia”); 10.10, νασιώτιν... λιγύφθογον μέλισσαν (“das ilhas (...), a estrídula abelha”) e o 19.11, εὐαίνετε Κηῖα μέριμνα (“famosa inteligência céia”).

Referencias

- BAQUÍLIDES. Le Odi e i Frammenti di Bacchilide. Texto greco, traduzione e note a cura de Niccola Festa. Florença: G. Barbera Editore, 1898.
- BAQUÍLIDES. Odas y Fragmentos. Introducciones, traducción y notas de Fernando García Romero. Madri: Editorial Gregos, 1988.
- BAQUÍLIDES. Odes e Fragmentos. Tradução do grego, introdução e comentário de Carlos A. Martins de Jesus. Coimbra: Imprensa Universidade de Coimbra e Anablume Editora, 2014.
- BARRET, William S. Greek Lyric, Tragedy, and Textual Criticism. Collected papers assembled and edited by M. L. West. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- BENLŒW, Louis et al. (ed.). Mélanges Henri Weil. Recueil de Mémoires concernant l'histoire et la littérature grèques dédié à Henri Weil. Paris: A. Fointemoing, 1898
- BOWRA, Cecil M. Greek Lyric Poetry. From Alcman to Simonides. 2. ed. revisada. Oxford: Clarendon Press, 1967.
- BROSE, R. de. A Terceira Ode Pítica de Píndaro: protótipo de uma tradução comentada. Nuntius Antiquus, v. 18, n. 1, p. e36732 s., 2022. [Uma versão com a formatação correta pode ser vista na página do autor em ufc.academia.edu/RobertdeBrose].
- BRUGMANN, Karl. ἡ ἱππος 'die Reiterei' und Verwandtes. Indogermanische Forschungen. Zeitschrift für Indogermanische Sprach- und Altertumskunde, v. 24, p. 62-9, 1909. Disponível em: <https://archive.org/details/indogermanischef24berluoft>. Acesso em: 9 dez. 2023.
- BUNDY, Elroy L. Studia Pindarica. Berkeley: University of California, Department of Classics, 1962.
- CAIRNS, Douglas L. Bacchylides: Five Epinician Odes (3, 5, 9, 11, 13). Text, introductory essays, and interpretative commentary, by D. L. Cairns, translations by D. L. Cairns and J. G. Howie. Cambridge: Francis Cairns Publications, 2010.
- CALDER, William. M.; STERN, Jacob. (ed.). Pindaros und Bakchylides. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1970.
- CAMPBELL, David. (ed.). Greek Lyric. Bacchylides, Corinna, and others. Cambridge: Harvard University Press, 1992.
- CARSON, A. The burners. A reading of Bacchylides' third epinician ode. Phoenix: Journal Of The Classical Association Of Canada, v. 38, n. 2, p. 111-119, 1984.

- CHANTRAINE, Pierra. Dictionnaire étymologique de la langue grecque (DELG). Paris: Éditions Klincksiek, 1968. 2 v.
- DAVIES, Malcon; PAGE, Denys L. (ed.). Poetarum Melicorum Graecorum Fragmenta. Oxford: Clarendon Press, 1991. V. 1: Alcman, Stesichorus, Ibycus.
- DRACHMANN, A. B. Scholia Vetera in Pindari Carmina. Leipzig: Teubner, 1903.
- DRACHMANN, A. B. Über die Datierung und Veranlassung von Pindars Zweiter Pythischer Ode. Jahrbücher für Classische Philologie, v. 141, p. 8, 1890.
- FESTA, Niccola (trad.). Le odi e i frammenti de Bacchilide. Florença: G. Barbera, 1898.
- GANTZ, T. N. Pindar's second Pythian. The myth of Ixion. Hermes: Zeitschrift Für Klassische Philologie, v. 106, n. 1, p. 14-26, 1978.
- GARVIE, Alex S. (ed.). Aeschylus: Persae. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- GENTILI, Bruno; BERNARDINE, Paola; CINGANO, Ettore; GIANNINI, Pietro (ed.). Le Pitiche. Milão: Mondadori, 1995.
- GENTILI, Bruno; CATENACCI, Carla; GIANNINI, Pietro; LOMIENTO, Liana. (ed.). L'Olimpiche. Milão: Mondadori, 2013.
- HESIOD. Theogony. Edited with Prolegomena and Commentary by M. L. West. Oxford: Clarendon Press, 1966.
- HESIOD. Trabalhos e Dias. Tradução e introdução de Christian Werner. Hedra: São Paulo, 2013.
- HESIOD. Works and Days. Edited with Prolegomena and Commentary by M. L. West. Oxford: Oxford University Press, 1978.
- HOMOLLE, Théophile. Le trépied de Gélon. Bulletin de Correspondance Hellénique, v. 21, p. 588-590, 1897. Disponível em: www.persee.fr/doc/bch_0007-4217_1897_num_21_1_3564. Acesso em: 20 set. 2023.
- HOMOLLE, Théophile. Les Offrandes Delphiques des Fils de Deinomenés et l'épigramme de Simonides. In: Mélanges Henri Weil. Recueil de Mémoires concernant l'histoire et la littérature grèques dédié à Henri Weil. Paris: A. Fointemoing, 1898, p. 207-24.
- HUMPHREY, John H. Roman circuses: arenas for chariot racing. Berkeley: University of California Press, 1986.
- HUTCHINSON, Gregory. Greek Lyric Poetry. A Commentary on Selected Larger Pieces. Oxford: Oxford University Press, 2001.

- JEBB, Richard C. (ed.). *Bacchylides, the poems and fragments*. Cambridge: Cambridge University Press, 1905.
- JESUS, Calos A. Martins de (trad., introd. e coment.). *Baquílides. Odes e Fragmentos*. São Paulo: Annablume, 2014. (Autores gregos e latinos. Textos Gregos).
- KENYON, Frederic G. *The Poems of Bacchylides. From a papyrus in the British Museum*. Oxford: Oxford University Press, 1897.
- KRISCHER, Tilman. 'Die Logischen Formen der Priamel'. *Grazer Beiträge*, v. 2, p. 79-91, 1974.
- LANGSLOW, David. (ed.). *Jakob Wackernagel. Lectures on Syntax. With special reference to Greek, Latin, and Germanic*. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- LAUSBERG, Heinrich. *Elemente der literarischen Rhetorik. Eine Einführung für Studierende der klassischen, romanischen, englischen und deutschen Philologie*. 10. ed. Ismaning: Max Hueber, 1990.
- LIDDELL, Henry. G. et. al. *A Greek-English Lexicon (LSJ)*. Rev. and augm. throughout. Oxford e Nova Iorque: Clarendon Press, 1996.
- LLOYD-JONES, Hugh.; PARSONS, Peter (ed.). *Supplementum Hellenisticum*. Berlin e Nova Iorque: Walter de Gruyter, 1983.
- MAEHLER, H. (ed.). *Bacchylides. A Selection*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- MAEHLER, H. (ed.). *Bacchylides. Carmina cum fragmentis*. 11. ed. Mònaco e Leipzig: K.G. Sauer, 2003.
- MAEHLER, H. (ed.). *Die Lieder des Bakchylides. Erster Teil. Die Siegeslieder. I. Edition des Textes, mit Einleit. & Übers. von Herwig Maehler*. Leiden: Brill, 1982.
- MAEHLER, H. (ed.). *Die Lieder des Bakchylides. Erster Teil. Die Siegeslieder, II. Kommentar*. Leiden: Brill, 1982.
- MERKELBACH, Reinhold; WEST, Martin L. (ed.). *Fragmenta Hesiodica*. Oxford: Clarendon Press, 1967.
- PAGE, Denys L. (ed.). *Further Greek Epigrams. Epigrams before AD 50 from the Greek Anthology and other sources, not included in 'Hellenistic Epigrams' or 'The Garland of Philip'*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.
- PAGE, Denys L. (ed.). *Poetae Melici Graeci (PMG)*. Oxford: Clarendon Press, 1962.
- PANTELIA, Maria C.; BERKOWITZ, Luci. *Thesaurus linguae Graecae*. CD ROM #E. Irvine: University of California, 1999.

- PÍNDARO. Píndaro: Odes Olímpicas, com introdução, tradução e notas de Robert de Brose. Tradução Robert de Brose. Araçoiaba da Serra: Mnêma, 2023.
- POLTERA, O. Le langage de Simonide. Étude sur la tradition poétique et son renouvellement. Bern: Peter Lang, 1997.
- POLTERA, O. Simonides lyricus: Testimonia und Fragmente. Einleitung, kritische Ausgabe, Übersetzung und Kommentar. Basileia: Schwabe, 2008.
- REZENDE E SILVA, Alfredo M. de. Odes Eólias de Baquilides. Análise rítmica, edição e tradução. Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, 2018.
- ROMERO, Fernando García (trad., introd. e notas). Baquilides. Odas y fragmentos. Madrid: Gredos, 1988. (Biblioteca Clássica Gredos, 111).
- SNELL, B.; MAEHLER, H. (ed.). Pindari Carmina cum Fragmentis. Pars I: Epinikia, Pars II: Fragmenta. Leipzig: Teubner, 1980.
- THESAURUS LINGUAE GRAECAE: a digital library of Greek literature. Irvine, CA: University of California, 2014. Base de dados. Disponível em: <http://stephanus.tlg.uci.edu/history.php>. Acesso em: 10 dez. 2023.
- VERDENIUS, Willem J. A Commentary on Hesiod. Works and Days, vv. 1-382. Leiden: E. J. Brill, 1985.
- VERNANT, Jean-Pierre. Le mythe hésiodique des races. Essai d'analyse structurale. In: VERNANT, Jean-Pierre. Oeuvres. Editions du Seuil: Paris, 2007. V. 1: Religions, rationalités, politiques, p. 255-80.
- VOCABULÁRIO Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP). 6. ed. Rio de Janeiro: São Paulo: Academia Brasileira de Letras; Global. 2021. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>. Acesso em: 20 nov. 2023.
- VOIGT, Eva-Maria. (ed.). Sappho et Alcaeus. Fragmenta. Amsterdã: Athenaeum - Polak & Van Gennep, 1971.
- WEIL, Henry. Les Odes de Bacchylide. Journal des Savants, p.43-56, 1898. Disponível em: <https://archive.org/details/journaldessavan16fragoog>. Acesso em: nov. de 2023.
- WEST, Martin L. (ed. with Prolegomena and Commen.). Hesiod. Works and Days. Oxford: Oxford University Press, 1978.



Disponible en:

<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=601777878006>

Cómo citar el artículo

Número completo

Más información del artículo

Página de la revista en redalyc.org

Sistema de Información Científica Redalyc
Red de revistas científicas de Acceso Abierto diamante
Infraestructura abierta no comercial propiedad de la
academia

Robert de Brose

O *Epinicio* 3 de Baquilides: comentário exegetico-filológico e
tradução

Bacchylides' *Epinician* ode 3: exegetic-philological commentary
and translation

Classica - Revista Brasileira de Estudos Clássicos
vol. 37, p. 1 - 24, 2024

Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, Brasil
editor@classica.org.br

ISSN: 0103-4316

ISSN-E: 2176-6436

DOI: <https://doi.org/10.24277/classica.v37.2024.1085>